

**LITERATURA E HISTÓRIA EM TERRAS AMAZÔNICAS:
ENTREMEANDO FIOS HISTORIOGRÁFICOS¹**

***LITERATURA E HISTORIA EN LAS TIERRAS AMAZÓNICAS:
INTERESCRIBIENDO HILOS HISTORIOGRÁFICOS***

***LITERATURE AND HISTORY IN AMAZON LANDS: INTERWINDING
HISTORIOGRAPHIC THREADS***

Mirian de Oliveira Bertotti²
Robson Fonseca Simões³

RESUMO

Este estudo, um diálogo com uma pesquisa de doutoramento, junto ao Programa de Pós-graduação Em Educação Escolar, traz para discussão possíveis entrelaçamentos entre a Literatura e a História. Objetiva-se compreender de que forma estes campos desvelam o colonizar das terras da Amazônia ocidental brasileira, especificamente o município de Ariquemes, situado no Vale do Jamari, estado de Rondônia. Numa abordagem qualitativa, optou-se por uma operação historiográfica como investigação metodológica, já que permite o entrecruzar das diversas fontes como experiências e saberes dos sujeitos sociais. Os resultados do estudo mostraram que as fontes literárias e as fontes históricas se complementam, já que ao apresentarem as perspectivas dos atores envolvidos por meio de gêneros textuais diversos, podemos entender o processo colonizador para além dos documentos, como ele foi vivido e sentido pelos sujeitos.

Palavras-chaves: Literatura regional. Amazônia Ocidental. Historiografia.

RESUMEN

Este estudio, en diálogo con una investigación doctoral, junto con el Programa de Posgrado en Educación Escolar, pone en discusión posibles entrelazamientos entre Literatura e Historia. El objetivo es comprender cómo estos campos revelan la colonización de las tierras de la Amazonia occidental brasileña, específicamente del municipio de Ariquemes, ubicado en el Valle de Jamari, estado de Rondônia. En un enfoque cualitativo, se optó por una operación historiográfica como investigación metodológica, ya que permite entrelazar diferentes fuentes como experiencias y conocimientos de sujetos sociales. Los resultados del estudio demostraron que las fuentes literarias complementan las fuentes históricas, ya que

¹ Este trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento de doutorado vinculada ao Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação Escolar – PPGEProf – UNIR/RO.

² IFRO – Ariquemes, Rondônia, Brasil; mirian.bertotti@ifro.edu.br .Orcid: 0000-0001-9148-3068.

³ 2 UNIR – Porto Velho, Rondônia, Brasil; robson.simoess@unir .Orcid: 0000-0003-0046-9549

al presentar las perspectivas de los actores involucrados a través de diferentes géneros textuales, podemos comprender el proceso colonizador más allá de los documentos, cómo fue vivido y sentido por los sujetos.

Palabras-clave: *Literatura regional. Amazonía occidental. Historiografía.*

ABSTRACT

This study, a dialogue with doctoral research, together with the Postgraduate Program in School Education, brings to discussion possible intertwinings between Literature and History. The aim is to understand how these fields reveal the colonization of lands in the western Brazilian Amazon, specifically the municipality of Ariquemes, located in the Jamari Valley, the state of Rondônia. In a qualitative approach, we opted for a historiographical operation as a methodological investigation, as it allows the interweaving of different sources such as experiences and knowledge of social subjects. The results of the study showed that literary sources complement each other, as historical sources complement each other, since by presenting the actors' perspectives through different textual genres, we can understand the colonizing process beyond the documents, and how it was experienced and felt by the subjects.

Keywords: *Regional literature. Western Amazon. Historiography.*

TECENDO A ESCRITA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em meio à verde mata
Sob o esplendor do azul anil
Surge imponente um povo ordeiro
Orgulho ao norte do Brasil.

Colheita da seara
Que o pioneiro aqui plantou
Num brado forte proclamamos:
Ariquemes nosso amor!

Pelas ruas a vida floresce
Com alegria e paz no coração
Com amor prospera e cresce
Cada mãe, cada pai, cada irmão.

O teu solo tem grande riqueza
Tua gente é teu valor
Fauna e flora tão exuberantes
E um povo trabalhador.

Os teus campos produzem fartamente

Riqueza e glória é o teu pendor
Nossa alegria, oh terra abençoada.
Ariquemes, nosso amor!

Hino da cidade de Ariquemes

Matas, céus, pátria e vida são expressões que reavivam a memória e nos conduzem ao estilo literário romântico dos anos de 1800. Assim como os versos de Gonçalves Dias, em *Canção do Exílio*, a composição poética presente no Hino de Ariquemes, que inaugura esta tessitura é marcada pelo entusiasmo com as terras do norte do país, com os sujeitos imigrantes e com as inúmeras possibilidades que outrora poderiam surgir.

Se a produção literária, dos poetas românticos brasileiros, conduz a exaltação da paisagem nacional e a elaboração de imagens sugestivas sobre a cultura e o povo do Brasil (LAJOLO, 2003), ao norte do país, em outro tempo, os escritores do Vale do Jamari, em posse dos mesmos elementos, anunciavam o desejo de registrar as escritas regionais e, com outros olhares, o movimento histórico de povoação da Amazônia.

Partindo da perspectiva de que a História é uma ciência social que busca analisar e entender os fenômenos reais e a sua relação com o cotidiano e que a Literatura é uma expressão artística que apresenta subjetivações, olhares e explora as sensibilidades humanas, este trabalho traz à baila entrelaçamentos entre História e Literatura para a compreensão do processo migratório, em terras da Amazônia Ocidental, que levaram à constituição do município de Ariquemes, no estado de Rondônia. Considera-se que as escritas literárias podem dar voz aos esquecidos, aos silenciados e aos vencidos apresentando as vozes heterogêneas que destoam do discurso hegemônico cultural, adentrando as brechas que a historiografia quicá permite.

Florilégio. Sente-se aqui o aroma da flor da mata - da flor em seu desabrochar - o desabrochar de uma literatura nova, a literatura dos jovens, de uma terra jovem [...] publicá-la, é mantê-la viva para a posteridade e acessível para o presente (BERTICELLE, 1985, n.p).

As palavras de Berticelle (1985) no prefácio de uma obra regional podem desvelar as dádivas do texto literário, transitar entre passado e presente; procuram

personificar o discurso literário como condutor de memórias, instigando-o caminhar sobre a tênue linha entre a História e a Literatura. As ações e expressões socioculturais também representam momentos históricos, ajudam a refletir sobre a memória social como um processo histórico-cultural, com as representações das práticas dos sujeitos (BURKE, 2005). É possível refletir que as manifestações artísticas, os gêneros literários, as diversas linguagens são materializações de sistemas culturais, metaforicamente assinadas pelos autores, e como tal, expressam possibilidades de perceber e exprimir a realidade.

As fontes literárias passaram a ser consideradas como fontes históricas a partir do movimento ligado à Marke Bloch e Lucien Febvre que fomentou uma importante reação contra os paradigmas da História tradicional e voltou seus interesses a toda atividade humana (BURKE, 1992). Com olhares que buscavam a aproximação de outras áreas, novas perspectivas e métodos surgiam e, conseqüentemente, novas perguntas. As posturas voltaram-se para outras facetas da vida humana como os costumes, a materialidade e vida social que por muitas vezes não são representados em documentos denominados oficiais.

A Nova História foi divulgada pela revista *Annales d'histoire économique et. sociale*, em 1929 e também por outros movimentos que ao opor-se à história tradicional, adotavam uma perspectiva ampla sobre o que deveria ser fonte histórica, passou - se a considerar não somente documentos referentes a grandes acontecimentos, instituições e personalidades, mas também “a vida de todos os homens, todas as formas de relações, todos os agrupamentos e classes sociais” (LOMBARDI, 2003, p. 13). Nesse contexto, tópicos antes considerados imutáveis sob o ponto de vista histórico são entendidos como uma construção de experiências com tempo e espaço variável (BURKE, 1992).

Como num mosaico, neste trabalho, fontes literárias e históricas vão sendo alinhavadas para ampliarem os olhares e perspectivas sobre a colonização nas terras do norte do Brasil. História e Literatura concatenam-se à medida que compreendemos que a vida humana constrói seus conceitos culturalmente e estes modificam-se ao longo do tempo, resultando na construção de novos sentidos, novas significações e reinterpretações.

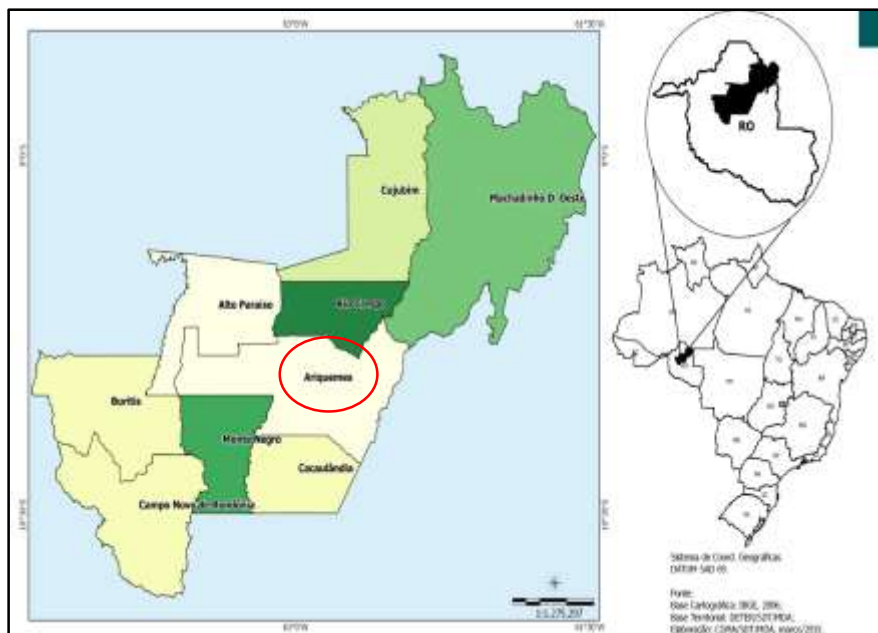
LINHA E AGULHA: COSTURANDO AS FONTES HISTORIOGRÁFICAS

O processo de ocupação do estado de Rondônia ocorreu através de fluxos migratórios influenciados pelo Governo Federal, intensificados nas décadas de 70 e 80, inicialmente constituído de nordestinos e posteriormente, por migrantes de Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo (CIM, 2003).

Ao caminhar pelo estado de Rondônia é possível perceber que cada espaço geográfico é marcado por aspectos culturais únicos, da força das comunidades ribeirinhas do Vale do Mamoré - Guaporé, passando pela resistência indígena na região central do estado até a marcante colonização sulista do leste rondoniense. Desta forma, não há como escrever uma história que vise padronizar a formação cultural do estado, o que é possível é tentar compreender através de fontes múltiplas, as especificidades de cada espaço rondoniense que se tornam marca cultural da sua gente.

O território do Vale do Jamari, situado na mesorregião leste do estado de Rondônia, compreende nove municípios totalizando uma área de 31.770,26 Km² e dividido em microbacias: I, Ariquemes, Alto Paraíso e Cacaulândia; II, Buritis, Campo Novo de Rondônia e Monte Negro e III, Cujubim, Machadinho e Rio Crespo. Na figura 1, a seguir, tem-se um panorama geográfico do Vale, em uma tentativa de apresentar um pouco mais seu espaço:

Figura 1 – Vale do Jamari



Fonte: MDA (BRASIL, 2015)

A imagem acima representa a espacialidade geográfica do Vale do Jamari. No território recebe destaque a cidade de Ariquemes, objeto de estudo desse trabalho, elevada à categoria de município na década de 70 através da Lei Federal nº 6.448/77, todavia; os registros historiográficos anunciam que os desbravadores já caminhavam em solo rondoniense desde os anos de 1560, mas somente por volta de 1900 aportaram nas águas do Jamari.

Desde período convém destacar o principal marco histórico para o Vale do Jamari, “Rondon, o desbravador, o maior sertanista, desde 1906, passou a transitar fazendo a integração deste solo (então amazonense e matogrossense) à Nação da qual fazia e faz parte (SALDANHA, 2014)”. As palavras de Rondon (1916a; 1916b; 1946), datam que desde 1909 havia informações sobre a existência dos Arikêmes, povo de índole pacífica que habitava a região mesopotâmica Jamari/Jaci-Paraná, e que formavam uma comunidade com 600 indivíduos dessa etnia.

A característica pacífica e a facilidade de assimilação da língua e dos costumes dos colonizadores desenharam um cenário catastrófico à tribo Arikêmes, descrita posteriormente nas conferências de Rondon (1916 b; 1946).

Concomitantemente, ações governamentais faziam surgir o SPILTN - Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais, órgão de controle tutelar dos povos indígenas que criava postos e colônias indígenas.

Nesse ínterim, os intentos colonizadores de Rondon já prosperam, na região do Vale do Jamari, um posto telegráfico já havia sido instalado em uma pequena vila resultante do seringal Papagaios e intitulada de Vila dos Papagaios, embrião do que tempos a frente seria o município de Ariquemes. Todavia, o regresso de Rondon a região mostrou que o cenário sociocultural dos indígenas Arikêmes havia se modificado,

Tão grande sociabilidade foi, porém, funesta aos ariquemês, porque as relações assim estabelecidas, e que, infelizmente, não eram fiscalizadas e dirigidas por pessoa competente, que se preocupasse com os problemas de ordem moral, tanto mais ameaçadores quanto maior era a necessidade da nação aos contactos com elementos estranhos, deram o resultado de fazer irromper entre eles epidemias atrozes, como a da sífilis e a do de fluxo, que não tardaram a produzir formidável mortandade. Além disso, muitas crianças foram tiradas das suas famílias e levadas para as cidades, de sorte que, pouco tempo depois de entabuladas as primeiras relações pacíficas com os civilizados, já a tribo estava desorganizada e quase totalmente desbaratada. (RONDON,1916)

Diante de tal situação, os indígenas sobreviventes foram realocados em aldeias sob a tutela do estado. O SPILTN através de seus postos visava mitigar os conflitos entre os nativos e os extrativistas. Assim, em 1914, criou-se às margens do rio Jamari o Posto Indígena Rodolpho Miranda (figura 02), mediado e coordenado por Rondon.

Figura 2 – Posto Indígena Rodolpho Miranda



Fonte: Vista... (1922)

A imagem acima apresenta o espaço dedicado aos indígenas em terras ariquemenses, quando estas ainda pertenciam ao estado do Mato Grosso. Segundo Cavalcante (2015), os postos visavam mediar os conflitos das variadas frentes territoriais sem se preocupar em preservar os grupos indígenas, e tinham como objetivo maior transformar os nativos em trabalhadores e comunidades culturalmente organizadas. Some-se o fato de que os indígenas ali alocados frequentavam uma escola para compreenderem e escreverem a Língua portuguesa, manuseavam instrumentos agrícolas, além de máquinas de costura.

A organização social e cultural e a extinção do povo Arikêmes não se configuram como escopo desse trabalho, no entanto a compreensão de que a política nacional para reorganização social dos Arikêmes contribuiu para a desarticulação da tribo e para que os traços culturais fossem paulatinamente sendo reelaborados devido ao contato com outros grupos indígenas e não indígenas que compartilhavam o mesmo espaço, é relevante. Ainda, conforme apontado nos estudos de Meira (2017),

vários aspectos que podem ter ocasionado o desconhecimento e até mesmo o abandono da cultura do grupo indígena aqui pesquisado, como o processo de territorialização da Amazônia, principalmente em áreas ocupadas por indígenas; o convívio com outros grupos indígenas e não indígenas no Posto aqui citado e a

inserção da agricultura ocidental como elemento civilizatório. Porém, foi a criação de postos e colônias a fundamental questão para concluir o que o Estado por mais que se preocupou com os indígenas da região eles também visava a manutenção sociocultural dos povos da floresta, para assim poderem terem melhor avanço no desenvolvimento do município (MEIRA, 2017, p.52).

As palavras de Meira apresentam o cenário final do que se tornaram os nativos do Vale do Jamari. Ponto relevante a se destacar sobre esse período são os escassos estudos sobre tal povo e o processo colonizador que ocorreu. Para tecer e entremear o passado e presente Ariquemense encontrou-se nas fontes digitais, as porta-vozes de tais informações; destarte, os estudos de Cavalcante (2013; 2015) e Meira (2017), fontes não primárias digitais⁴, mostram-se como norteadores para estudos historiográficos.

O olhar historiográfico nos conduz à cronologia da colonização. Nos anos de 1958, a descoberta de cassiterita em terras do Vale do Jamari incentivou um ciclo migratório intenso e que ficaria registrado na história e na memória dos moradores. A escrita literária de Nercina Andrade⁵ (1985, p.90) pode ser representativa sobre esses fatos: “Quando surgiu a pista de pousos, aeroporto, fizemos verdadeira festa, e para surpresa geral, apareceram de repente mais de 40 aviões, com seus pilotos, e começaram a corrida da cassiterita”.

As memórias da autora destacam acontecimentos históricos e seus resquícios na moderna Ariquemes, a exploração do meio ambiente, os conflitos sociais que perduraram por vários anos, oriundos da garimpagem da cassiterita. A passagem transcrita rememora a abertura da pista de pouso e as várias pessoas que chegavam em busca de riqueza e fartura. O processo de garimpagem era rudimentar, necessitando de grande quantidade de mão de obra, mobilizava muito contingente humano que se instalava na pequena cidade de Ariquemes, que se tornava um porto de passagem. As péssimas condições de vida associado ao

⁴ Adota-se neste trabalho o conceito sobre documentos não-primários apresentado por Almeida (2011) no texto de sua autoria *O historiador e as fontes digitais*.

⁵ Nercina Lopes de Andrade é escritora ariquemense. Iniciou sua carreira em 1978, é considerada uma das pioneiras de Ariquemes. Seu texto “Ariquemes de Ontem, de Hoje e Amanhã” faz parte da coletânea “Florilégios da Literatura Ariquemense”.

trabalho exploratório dos donos de garimpo, faziam com que o fluxo populacional diminuísse, tal imagem é desenhada por Andrade (1985), através dos seus relatos:

E com a corrida da mineração, centenas de pessoas chegavam mas quando a maleita mostrava sua força, muitos abandonavam tudo, até mesmo suas esperanças. Mesmo assim, persistimos em nossa luta, confiando que ali estava o que procurávamos. Havia minério, castanha, seringa e sabíamos que aquela imensa selva sempre verde, a nos alegrar com sua imensa beleza era verdadeira fortuna. Surgia a Escola Francisco Caldeira Castelo Branco, mas, onde arrancar Professora? Foi então que Papai decidiu mandar-me para um internato, no qual redundou o primeiro drama da minha vida. Abandonar meu Pais e Ariquemes. Partir sem levar meu coração deixando aqui toda a alegria de criança. Meses depois retornei de férias, partindo para cá em disparada em busca dos meus amigos. Sentido imediato, um silêncio e abandono constrangedor, vi então, um aeroporto abandonado, casas residenciais e comerciais fechadas. Ariquemes estava triste (ANDRADE, 1985, p. 90).

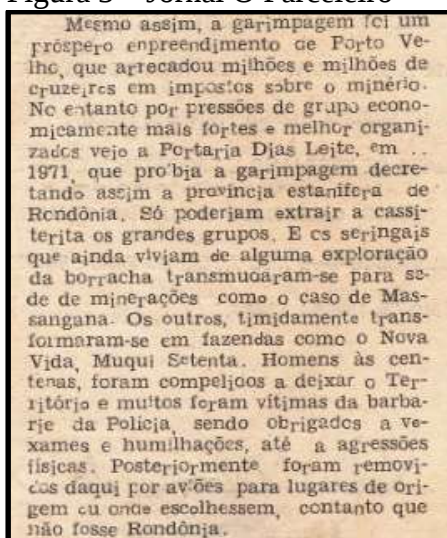
As expressões da autora novamente nos remetem aos escritores românticos, a terra, os amigos, os bons momentos que vivera na infância trazem-nos os aspectos evasivos de que o antes era melhor e de que o presente. Os estudos literários de Bosi (2006) apontam que os

nossos românticos exibem traços de defesa e evasão, que os leva a posições regressivas: no plano da relação com o mundo (retorno à mãe- natureza, refúgio no passado, reinvenção do bom selvagem e exotismo) e no das relações com o próprio eu (abandono à solidão, ao sonho, ao devaneio, às demasias da imaginação e dos sentidos. (BOSI, 2006, 93).

O texto memorialístico de Andrade (1985) procura representar o instante; as suas escritas utilizam as expressões do tempo histórico, já que o abandono da cidade se efetivou após anos de exploração do garimpo e com a interrupção da lavra manual pelo governo Federal por volta dos anos de 1970, através da portaria nº195/70. Gondar e Dobedei (2005) ajudam a refletir que os tempos, fatos e registros fazem parte da memória, possibilitando reconhecer como se criam e recriam vivências, a partir dos novos sentidos, visto que a memória é um fenômeno em movimento e se revigora constantemente (NORA, 1993). No esforço em se

poderem cruzar fontes, foi possível encontrar na imprensa local, mais especificamente no jornal *O Parceleiro*, fatos que pudessem ratificar as experiências relatadas nas memórias de Andrade (1985), como se pode examinar a seguir.

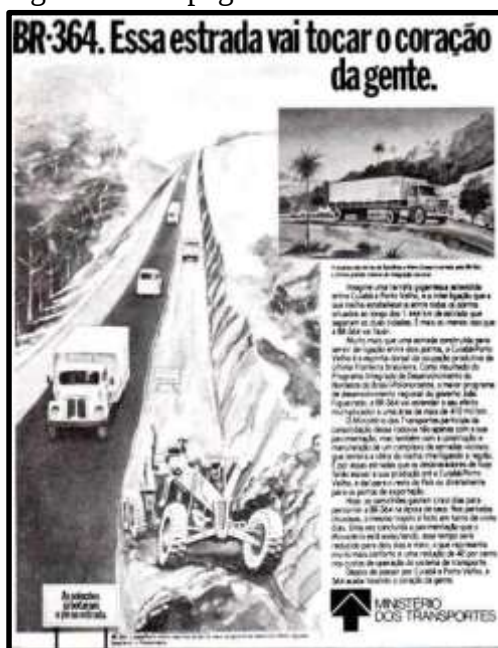
Figura 3 – Jornal O Parceleiro



Fonte: O Parceleiro... (1979)

A representação trata-se de uma matéria veiculada no jornal “O Parceleiro” que circulava nas terras do Vale. O texto jornalístico traz as consequências da dispensa dos garimpeiros; apesar do grande lucro obtido com o minério, a sazonalidade do fluxo exploratório não derivou em avanços industriais, restou apenas um povoado sem qualquer expressividade econômica para a região e alguns trabalhadores sem fonte de renda (CIM, 2003, p.8). Nesse ínterim, é preciso abrir espaço para um dos elementos essenciais para o estado de Rondônia e especialmente para o Vale do Jamari: a BR - 364.

Figura 4 – Propaganda da BR-364



Fonte: Cruz (2018)

A imagem, datada dos anos 60, procura destacar a retomada da BR-029 iniciada em 1943, quando Rondônia ainda era território Federal do Guaporé⁶. Nesse período, a estrada era apenas um “rasgão” na mata e seguia os rastros da antiga Comitiva Rondon. O feito ilustrado advém de um encontro entre os governadores dos ex-territórios federais do Acre, Rio Branco (Roraima) e do Estado do Amazonas com o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, nos primeiros dias de fevereiro de 1960, capitaneado por Paulo Nunes Leal, ex-governador do já território Federal de Rondônia⁷. Leal demonstrou-lhe a possibilidade de abrir a rodovia e JK pautado em uma ótica desenvolvimentista de que “governar era abrir estradas”, iniciando os trabalhos para integrar o Brasil (CRUZ, 2018).

⁶ O Território Federal do Guaporé foi criado em 13/09/1943, com terras desmembradas do Mato Grosso, e do Amazonas, contando, com 04 municípios: Porto Velho (capital), Lábrea, Guajará-Mirim e Santo Antônio. Em 1944 ocorreu a reorganização do mapa do território do Guaporé, que passou a contar com 02 municípios – Porto Velho e Guajará-Mirim. Em 17 de fevereiro de 1956, em homenagem ao Marechal Rondon, o território passou a ser designado como Território Federal de Rondônia.

⁷ Rondônia tornou-se estado em 04 de Janeiro de 1982, por meio da Lei Complementar nº. 41, de 31/12/1981.

Saldanha (2014) por meio de seus escritos líricos, como em uma ode, enaltece esses momentos históricos, destaca fatos que se concretizaram a partir de esforços coletivos para que as terras rondonienses fossem reconhecidas.

Se fosse violeiro e cantador eu jamais me cansaria de gritar bem forte o quanto me encanto com a pujança de minha terra. Pujança histórica, manancial dos homens intrépidos que plantaram entusiasmo e fé, certeza e vontade cívica, ainda nos primórdios, deixando um legado de realizações e afirmação cidadã. Pujança econômica, como caminho para a redenção social, via ação distributiva da riqueza, que tarda, mas chegará... (SALDANHA, 2014).

As passagens representadas são carregadas de significado, já que por muito tempo, o estado rondoniense esteve distante do restante do país, a construção da rodovia trouxe expectativas e crescimento. Assim, em 1961, a obra é inaugurada sob o nome de BR-364. Durante a década de 60, período em que o Brasil estava imerso na Ditadura Militar, coube ao 5º BEC⁸ concluí-la e mantê-la em condições de trafegabilidade. Estava aberta a nova fronteira agrícola do Brasil, inicia-se em Rondônia um novo ciclo migratório, fundamental para o Vale do Jamari:

Corria o tempo, a década de setenta. Brasil campeão do mundo de futebol, euforia de crescimento. Amazônia mais uma citação que uma região, mais uma profundidade florestada, bichos, índios e degredados da sorte, que um Brasil de verdade. O desamparo e o silêncio. Os movimentos feitos pelos rios. Fronteira desguarnecida. Fincada como prioridade a sua integração. Abrir a Amazônia para boias-frias e pequenos produtores do sul e sudeste, escorraçados pela mecanização da agricultura. Foi assim mesmo. Vieram todos. Os programados e os não programados. Melhor assim, dar terras aos brasileiros que deixá-los à cobiça internacional, como se imaginava, para roubar as riquezas minerais abundantes e traficar sementes e animais (MOURA, 2021).

A crônica memorialística de Moura (2021), procura retratar a perspectivas intimista de quem aportou nestas terras, quando as campanhas de migração propagadas pelo governo atingiram a esfera nacional. Com a reabertura da BR-364 e o fluxo migratório que novamente se estabelecia foi preciso reorganizar a pequena

⁸ 5º Batalhão de Engenharia de Construção.

e abandonada Ariquemes. As ações governamentais voltadas à recolonização iniciam-se por volta dos anos de 1971 através de áreas desapropriadas de antigos seringalistas.

Nos anos de 1972, dois projetos de assentamentos dirigidos - PAD- iniciam nas terras do Vale do Jamari. O PAD Burareiro⁹ era um módulo de terra de 250 hectares distribuído a famílias selecionadas que comprovam capacidade financeira e administrativa, as terras ficavam localizadas próximas à BR- 364 e destinavam-se ao plantio de cacau.

Por sua vez, o PAD Marechal Dutra¹⁰ era dirigido a famílias com conhecimentos relacionados à atividade agrícola; os lotes eram de 100 hectares, não exigiam comprovação financeira, apenas força de trabalho familiar (CORDEIRO, 2015; MOZER, CUNHA, 2010). Nessas terras o plantio era predominantemente de café em consonância com as políticas do governo federal.

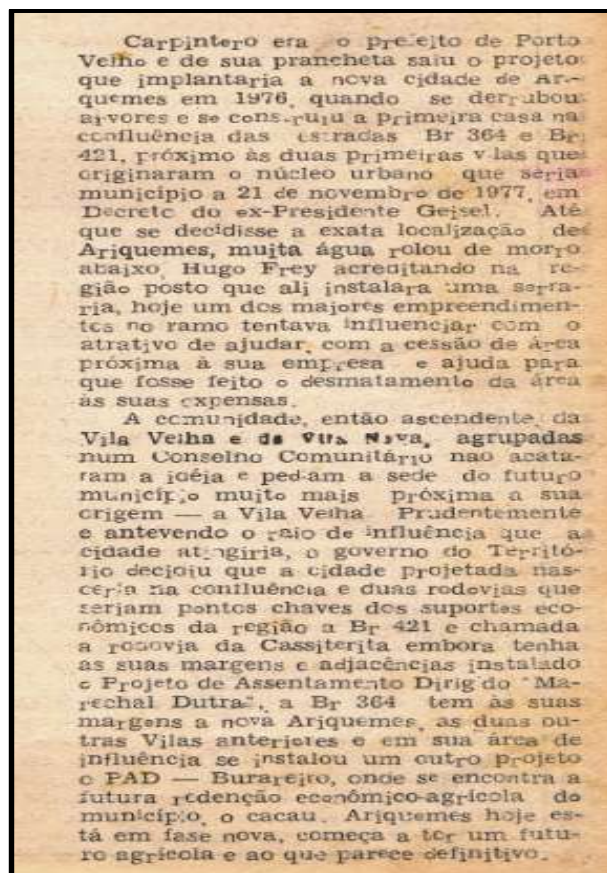
Nesse contexto, imbuído da missão de organizar e construir um local para receber os novos moradores que se aglomeravam na Vila Velha (antiga Ariquemes), o prefeito e arquiteto de Porto Velho Antônio Carlos Cabral Carpintero, projetava uma nova cidade, situada do outro lado da BR, afastada de bares, prostíbulos e que caracterizavam a Velha Ariquemes como rota de passagem para seringueiros e outrora, garimpeiros. O excerto jornalístico abaixo procura apresentar como se efetivou a projeção da Nova Ariquemes¹¹:

⁹ Projeto de Assentamento Dirigido Burareiro criado em 21.01.1974 foi implantado na área considerada de interesse social pelo decreto 75.281 de 23.01.1975 e sua efetiva implantação se deu em dezembro de 1975.

¹⁰ Projeto de Assentamento Dirigido Marechal Dutra com área considerada de interesse social para fins de desapropriação pelo Dec. N° 75.281 de 23 janeiro de 1975 foi instalado em julho/agosto de 1975, e homologado a criação pela resolução n° 131 de 06.09.1978, com suas primeiras famílias assentadas em 1975.

¹¹ Essa expressão ainda é utilizada pelos moradores, quando estes se referem à construção da cidade.

Figura 5 -Jornal *O Parceleiro*



Fonte: *O Parceleiro*, 1979.

A reportagem do jornal *O Parceleiro* apresenta, anos mais tarde, como ocorreu o processo para a escolha do local para a nova cidade. Em posse de um caráter semântico, pode-se dizer que os vestígios indígenas e seringalistas foram sepultados; a nova gente que chegava deveria ser instalada e incentivada para que iniciasse o ciclo agrícola previsto pelo governo federal.

As memórias de Carpintero (2017) apontam que o município “foi feito na marra, para resolver um problema imediato, que era a chegada de colonos”. Desse modo, o arquiteto projetou uma cidade dividida em setores: a área administrativa, local onde se instalaram os órgãos institucionais; o setor industrial, próximo a BR-364, para facilitar a carga e descarga de materiais e os setores 01,02,03 e 04, espaços nos quais ficariam as moradias residenciais. Dessa forma, as primeiras famílias que chegaram nas terras Ariquemenses e foram assentadas nos PADs, recebiam além

da propriedade rural um imóvel urbano nos setores 01 e 02 para que fixassem moradia e evitassem o êxodo (CORDEIRO, 2015; 2018).

Paranaenses, gaúchos, mato-grossenses, mineiros, cearenses, cariocas, baianos chegavam em terras ariquemenses e partilhavam todos os sortilégios. Era preciso derrubar a mata, abrir estradas, preparar a terra, colher e transportar produtos por estradas intrafegáveis. Sob o viés literário e procurando anunciar o surgimento de um novo município, as escritas de Moura (2022) revelam o nascimento de uma nova cidade em solo amazônico: “A cidade recomeçou. Ela já havia iniciado. Cresceu e diminuiu com os movimentos do dinheiro. Dinheiro faz cidades. Como o ouro. Como a madeira nobre. Como o látex. A cidade ressurgiu, agora, pela posse da terra. O sonho da propriedade (MOURA, 2022) ”.

Figura 6 – Início de Ariquemes



Fonte: Câmara de Ariquemes (1978)

A imagem acima somada a relatos como os de Seu Pedrinho¹² (2013), aos 83 anos e resgatados por Cordeiro (2018, p.135) de que na Nova Ariquemes¹³ “não havia recurso nenhum, só o setor um da cidade estava aberto, o resto era mata” entrecruzam os fios da história e da memória, ambas dialogam, são fontes mútuas e compõe o imaginário de toda uma geração de ariquemesenses. Por ser “carregada por grupos vivos” está em evolução, sendo revitalizada, recebendo novos contornos através das lembranças e esquecimentos, dando a essa memória a característica de ser “mágica” (NORA, 1993, p.03).

Na memória, por sua característica fluída e a capacidade de caminhar entre o individual e o coletivo, é que fatos históricos vão ganhando cores e nuances diferentes, habitando no imaginário de uma população. Neste contexto, surgem as histórias que permeiam o universo ariquemense como, por exemplo, escutar que em tempos pretéritos as notícias eram propagadas de cima de uma árvore (figura 0X).

Figura 7 - Pau do Fuxico



Fonte: Autores, 2023.¹⁴

A vista aérea de Ariquemes, alguns anos após o início da construção da nova cidade, parte de um ponto privilegiado: o pau do fuxico. Uma castanheira

¹² Pedro de Oliveira, conhecido popularmente no município de Ariquemes como Seu Pedrinho, faleceu em 2015 aos 86 anos. Era fundador do Lions Clube Ariquemes Centro, local no qual desenvolveu diversas ações culturais e sociais, desde a década de 70. Atuou na administração pública e participou ativamente de conselhos comunitários

¹³ O Município de Ariquemes foi criado pela Lei n. 6.448 de 10 de outubro de 1977.

¹⁴ Montagem realizada com imagens localizadas em: Câmara de Ariquemes, 2023; Kim-Ir-Sen (1978)

com aproximadamente 35 metros, situada no centro, próximo ao mercado municipal. As narrativas destacam o pau do fuxico como elemento fundamental para a sociedade ariquemense, tornando-se símbolo de utilidade pública, todos os acontecimentos eram noticiados ali: patrões em busca de trabalhadores, pessoas recém-chegadas à procura de emprego, informações sobre a saúde e organização pública (PINHEIRO, 2015).

Ele conta que naquele tempo, a cidade era um paradeiro só. Então, Seu Chico da farmácia inventou uma diversão. Em uma velha castanheira colocou dois alto-falantes e criou a primeira rádio da cidade que se chamou Rádio Fuxico, onde todos ficavam sabendo das notícias. [...]Acabou com a tranquilidade[...] a invenção muito ajudou, era ponto de encontro e a comunidade gostou, eram muitos os recados e as notícias dos que mandavam música pros namorados e pros amigos também. (LOPEZ, 2003, p. 157).

Os informes que moldavam a vida social e cultural desenhavam o cotidiano dos assentados e nos remetem às reflexões de Certeau (1998) sobre as culturas dos sujeitos, sua dinamicidade, como elas se inventam e reinventam nas relações sociais cotidianas. O pau do fuxico foi derrubado em 1981; é provável que notícias como o rapto do garoto Fábio tenham circulado por esses alto-falantes. Tal fato, agitou a vida social de ariquemense em meados de 79.

Figura 8 - Reportagem publicada em Jornal do Brasil, (Rio de Janeiro - RJ) 06 de Nov de 1979



Fonte: Jornal do Brasil, 1979.

A figura transporta para uma história da cultura ariquemense, “a tragédia na família Prestes” que movimentou a pequena cidade. Os fatos revelam que no dia 26/10/79, Francisco Prestes prepara-se para iniciar a derrubada da mata, no pedaço de terra recebido pelo INCRA. Enquanto trabalhava, os filhos foram atacados a flechadas pelos indígenas da etnia Uru-Eu-Wau Wau, à beira do rio. Do encontro, dois de seus três filhos (Luiz e Dimes) faleceram e o mais novo (Fábio) foi raptado (COSTA, 1984).

A notícia veiculada nas mídias de todo o estado, recebeu amplitude nacional (Jornal do Brasil, 1979), expedições foram organizadas, órgãos governamentais mobilizados, iniciou-se uma busca por contatos com as etnias indígenas e uma tentativa de resgate da criança¹⁵. Os registros em fontes históricas trazem à baila uma problemática constante na região: a disputa por espaços.

¹⁵ Para outros estudos que focalizem o episódio envolvendo os indígenas cf URU-EU-WAU-WAU Relato de uma Expedição de primeiros contatos (COSTA, 1984) e documentário Na trilha dos Uru - Eu - Wau- Wau (Adrian Cowell, 1984).

A análise de documentos sob a perspectiva histórica aponta que as terras do PAD Burareiro, em torno de 100 propriedades, estavam sobrepostas às terras indígenas Uru-Eu-Wau-Wau (CORDEIRO, 2015). Segundo a autora, parte da terra pertencia aos indígenas desde 1971 o que tornou a distribuição das terras arbitrárias; some - se ao fato de que os órgãos governamentais divergiam sobre tal situação, de um lado a FUNAI - que diante das inúmeros ocorridos decretou a criação da reserva em 1978, mas que justifica o pedido de interdição da área desde 1974; do outro, o INCRA que alega que tais terras já estavam regulamentadas para a reforma agrária. A área de litígio reescreve no Vale do Jamari um triste episódio na história, marcado nas memórias e na literatura ariquemense:

Depois que Chico Neco chegou ao lote com os filhos pequenos, reencontrou -se com seu ambiente de paz e felicidade. Da margem do rio, antes mesmo de descer do barco, viu a gigantesca muralha florestal. Aos fracos, a imensidão da floresta faria retroceder, mas aos fortes, representava um desafio, diante dos seus segredos. Feliz do ser humano que consegue superar-se, despojar-se do confronto das cidades e entregar-se ao convívio divino com o reino das plantas.[...] Vinte e seis de outubro de 1978, este foi o dia marcado na vida de Lica e Chico pelo sofrimento. Os índios Uru eu wau wau vingaram nos seus filhos toda a ira acumulada ao longo de décadas [...] A chacina ocorreu pela manhã. A hora certa ninguém soube [...] Sobrou-lhe apenas um pensamento: chegar a Ariquemes, no menor tempo possível para salvar um filho. Pelo morto, parou de chorar. Com o desaparecido, não se ocupou mais [...] Começaram as conversas para a formação da primeira expedição de busca ao menino. A vingança teria que ser exemplar, só se falou nisso [...] A meta era trazer Zezinho de qualquer jeito e liquidar com a tribo (MOURA, 2002, p. 98).

Os fatos narrados por Moura (2002) são verídicos, no entanto adicionados de tempero e cores para apresentar personagens com os quais o narrador-autor conviveu. A obra vai tecendo os retalhos históricos sobre as perspectivas dos personagens que lá estavam, acompanhando os esforços de homens que se subordinavam às condições adversas em busca de sonhos. Assim, como no movimento literário romântico, a força da floresta amazônica e dos rios do território rondoniense vai se desenhando; mas diferente do Romantismo, o colonizador é o herói; deixando aos nativos, o papel de antagonista. Cândido sobre essa mescla

entre imaginação literária e realidade do mundo, já apontava: “A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. (CÂNDIDO, 1999, p.83) ”.

A obra literária de Moura (2002) remete a aproximação entre os campos da Literatura e História, sem negar os aspectos que as diferem como questões metodológicas e históricas e que delimitam suas especificidades. Fato é que ambas narram, (re)contam, tem enredos, personagens e tramas que se misturam, se confundem e se encontram. A escrita do autor (2002) é como um caleidoscópio que representa suas lembranças, suas memórias com um local social e linguagem própria; imagens que remetem a um passado ressignificado pelo presente através da linguagem.

Os tons dados pelo autor à narrativa, que vai sendo pintada com espaços, personagens e vozes com peculiaridades regionais, emergem o enredo em cores locais, assim, nas palavras de Cândido (1999) tornam-se um instrumento de transformação da língua e uma forma de autoconhecimento da cultura do próprio país. Pensar a literatura regional como lugar das representações de uma determinada realidade social e cultural, pode remeter à literatura como *lugar de memória*. Para Pierre Nora,

museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são marcos, testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade ...os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos (NORA, 1995, p.13).

Nora (1995) destaca que os lugares de memória podem apresentar ou não conteúdo, presença física ou história, rompem as fronteiras e encontram-se nos espaços que escapam da História, em territórios simbólicos. Dessa forma, constituem-se como *lócus* para a permanência das memórias e da identidade de um determinado grupo, e nesses contornos, as escritas literárias ampliam seu território, como se pode examinar a seguir.

O discurso literário por sua capacidade inventiva e criativa torna-se campo fértil para a fluidez e as modulações das memórias. Ainda nesse campo de

entrecruzamentos entre Literatura e História, destaca-se a presença do dialogismo, para Bakhtin (1997, p. 316) um texto será sempre embebido em outro, há uma polifonia de discursos e vozes: “O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal”.

Sobre o uso de fontes literárias como fontes documentais, é mister retomar as contribuições apontadas por Ferreira (2009) sobre os estudos de Lucien Febvre nos escritos *Exame de consciência de uma história e de um historiador*, nos quais o autor aponta a relevância dos textos como fontes de pesquisa, dilatando-as e contribuindo para a compreensão do novo conceito de documento histórico.

Os textos, sem dúvida: mas todos os textos. E não só os documentos de arquivos em cujo favor se cria um privilégio[...]. Mas também, um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência (FEBVRE, s.d., p.31 apud FERREIRA, 2009, p. 64).

Nesse contexto, os escritos literários de Nuria Sagué Lopez¹⁶ revestem-se de valor simbólico, pois apresentam-se como registros culturais da cidade ariquemense. As narrativas apresentadas pela autora trazem memórias resgatadas por Seu Anésio¹⁷, revisitadas e registradas, expõem passagens reais e imaginárias do cotidiano da comunidade do Vale do Jamari; o enredo sob a perspectiva do narrador é entremeado de tal forma que é impossível distinguir a realidade da ficção.

Vicentão era um homem muito conhecido no bairro Marechal Rondon por sua força e coragem. Era alto, moreno, um pouco

¹⁶ Nuria Sagué Lopez é Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR/2013). Professora do Ensino Fundamental, Médio. Atuou como Coordenadora do Curso de Letras no Ensino Superior e professora de: Linguística, Sociolinguística, Alfabetização, Língua Portuguesa, Literatura Infanto-Juvenil e Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa e Produção Textual. Tem experiência na área da Linguagem e Educação nos seguintes temas: Gestão, Leitura e Produção de Textos, Discurso, Memória, Identidade, Formação de professores e atualmente é Professora de Língua Portuguesa da EEEMI Heitor Villa Lobos, Ariquemes, SEDUC /RO. Seus estudos trazem à baila as memórias ariquemenses.

¹⁷ Seu Anésio chegou nas terras amazônicas na década de 40, recrutado como soldado da borracha, trabalhou na extração do látex, era morador de antiga Ariquemes, denominada Vila Velha e acompanhou a construção da nova Ariquemes. Suas memórias e relatos ajudaram a compreender o processo migratório da cidade e a propagar as lendas e mitos ariquemenses. Faleceu em 2010.

magro e estava sempre descalço[...] Certo dia, Vicentão foi para roça trabalhar com seu filho, onde, ao chegar, encontrou vários índios que começaram a atacá-los. [...] Então, ele começou a atirar até acabarem todos os seus cartuchos. Os índios atiravam mais e mais flechas. Da mesma forma, que as flechas vinham em sua direção, Vicentão segurava com a mão e devolvia no mesmo instante em direção aos índios. Acabou matando vários deles; os outros índios assustados saíram correndo em direção à floresta com medo do Vicentão [...] Sempre que ia caçar carregava uma anta nas costas de aproximadamente 100 quilos sem demonstrar cansaço (LOPEZ, 2003, p.125-126).

Vicentão era um personagem conhecido nas terras ariquemenses, seja pelos antigos moradores da Vila Velha, seja pelos recém-chegados da Nova Ariquemes; seus feitos eram contados e recontados e ganham tom de veracidade porque Seu Anésio era uma testemunha viva. O gigante Vicentão desenhou no imaginário a força que o homem precisava ter para enfrentar os desafios que os espaços da selva impunham cotidianamente aos migrantes. Os saberes regionais manifestados através de escritos tornam-se práticas culturais humanas uma vez que desvelam as representações vividas de um povo.

Por volta dos anos 80, Ariquemes recebe o nome de “Cidade progresso¹⁸”. O folhetim governamental intitulado *Ariquemes Cidade Progresso 1977- 1980* anuncia aos moradores as benfeitorias realizadas no decorrer de três anos de emancipação. Através do Programa Mutirão das Escolas, a prefeitura firma uma parceria com os moradores, estes fornecem mão de obra e aquela, orientação técnica e materiais; assim foram abertas 1,200 quilômetros de estradas vicinais e 18 escolas de madeira na área rural.

¹⁸ Em 11 de outubro de 1977, a Lei nº 6.448 determinou a emancipação política de Ariquemes. O município foi instalado 41 dias depois, em 21 de novembro. Na ocasião da criação os limites do município Ariquemes, abrangiam os atuais municípios de: Alto Paraíso, Monte Negro, Rio Crespo, Cacaúlândia, Machadinho do Oeste, Vale do Anari, Theobroma, Governador Jorge Teixeira e partes dos municípios de Jaru e Cujubim. Até 1983, os prefeitos eram nomeados, sendo: Pedro Tavares Batalha- novembro/1977 à março/1979; Francisco Sales de Azevedo - março/1979 à janeiro/1981; José Evandro Bastos de Oliveira, janeiro/1981 à julho/1982 e Maurílio Galvão da Silva, julho/1982 à janeiro/1983.

Figura 9 - Notícia sobre os nomes das ruas.



Fonte: Parceleiro, 1979.

A imagem apresenta uma notícia veiculada no Jornal O Parceleiro, fonte de comunicação entre os moradores locais, e anuncia que é desejo da população nomear as ruas, referindo - se a flora e fauna da região em homenagem à terra que os recebeu. Desde período de vertiginoso crescimento, datam feitos que se relacionavam a várias áreas: abertura de outro bairro residencial, Setor 04; Centro médico e Hospital Público para urgências e internações; Correios; emissora de rádio, jornal impresso O parceleiro; representações Bancárias como Banco do Brasil; Bamerindus, Bradesco e Banco da Amazônia.

Figura 10: Inauguração da rodoviária

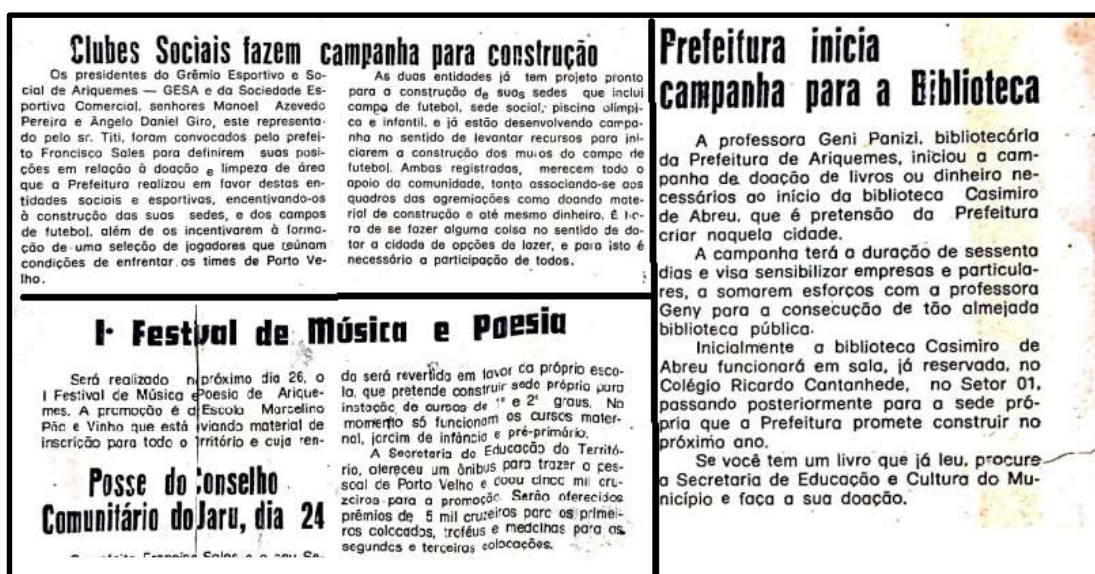


Fonte: Inauguração... (198-)

A imagem, em formato de *post*, representa um acontecimento social na cidade ariquemense nos anos 80, a inauguração da rodoviária, uma porta de entrada para novos migrantes. Os estudos de Simões (2012) ajudam a refletir sobre os registros virtuais e como estes representam possibilidades para que os sujeitos revisitem a história. As redes sociais virtuais podem manter vivas as memórias dos usuários e serem consideradas fontes para a compreensão do processo colonizador no leste amazônico.

Diante das transformações sociais que ocorriam no Vale do Jamari, destaca-se o esforço para instituir na nova comunidade espaços para fortalecer as relações de cultura e de pertencimento entre os sujeitos.

Figura 11 - Recortes sobre ações culturais



Fonte: O Paraleiro, 1979

O chamamento público divulgado no jornal impresso, representa as ações em busca de fomentar opções de lazer aos novos moradores, marcando a necessidade de que a permanência nas terras fosse definitiva, mesmo diante dos inúmeros percalços encontrados pelos pioneiros. É desse período de movimentação social, que o professor Ireno Antônio Berticelli, Secretário de Educação e Cultura, iniciou um intenso trabalho para descobrir e ressaltar os valores locais e regionais,

desta forma instituiu a Sociedade Ariquemes de Cultura que movimentou os artistas da época através de mostra de trabalhos literários, artesanais e pinturas. Coube ao professor Ireno, a instituição de Biblioteca Municipal Cassimiro de Abreu¹⁹ (figura 10), local que permitiu os primeiros diálogos sobre escritas com vozes locais.

Figura 12 - Primeira sede da Biblioteca Municipal



Fonte: Ariquemes... (2017)

O espaço, representado na imagem da década de 80, destaca as tentativas de inserir na comunidade do Vale do Jamari os caminhos literários. Com escolas de 1º e 2º graus que promoviam ações educativas de incentivo à leitura e a produção literária, jovens escritores foram identificados e convidados a participarem de encontros que propiciavam debates sobre a literatura que se formava por essas terras.

Em agosto do mesmo ano, a Biblioteca encaminhava os escritores Elsom Braga, Rodolfo de Araújo, Nercina de Andrade, Sebastião Correia, Gilberto Merlim, Marcos Casales, Mauricio de Almeida, e Vilmar Warken a Porto Velho para participarem do primeiro Encontro de Escritores do Estado de Rondônia. Já estávamos convidados como membros da Biblioteca José Pontes Pinto, por Porto Velho, mas nos integramos ao grupo de Ariquemes.

Ao retornarmos, após uma semana de Seminário, passamos a nos encontrar todos os escritores na Biblioteca Casimiro de Abreu. E a idéia, para a publicação de um livro, tornava-se mais intensa.

¹⁹ Atualmente a Biblioteca Municipal carrega o nome do primeiro administrador do distrito de Ariquemes, Pedro Tavares Batalha.

Incentivados pela coordenação da Biblioteca local começávamos a materializar a ideia [...] a nossa intenção é unicamente documentar os adejos dos escritores de Ariquemes, nada mais (SANTOS, 1985, Nota dos Autores, p. 11).

As palavras escritas pelos jovens literatos de Ariquemes vêm imbuída do desejo de que o discurso literário fosse fonte de registros, documento de um tempo em que o misto cultural, tão marcante nos territórios rondoniense, estava pulsante. Na obra produzida em 1985, há uma profusão de temas e gêneros, uma multiplicidade do itinerário literário percebida através dos temas, que abarcam sentimentos universais como amor, paixão, desilusão pelo ser amado; saudosismo da terra natal ou da infância e até mesmo melódicos poemas sobre datas comemorativas.

Assis (2011) destaca que a diversidade temática percebida através dos artistas de Rondônia é reflexo dos múltiplos enunciados absorvidos por esse público multifacetado. Para além, o autor ainda sugere que o processo migratório forjado às pressas em tempos e espaços múltiplos fez com que o estado percorresse em duas décadas o trajeto da colonialidade à contemporaneidade.

Se as escritas literárias vêm revestidas e imersas na realidade, apesar de contraditoriamente serem um refúgio da mesma, pode - se dizer que o ambiente dos jovens poetas foi inundado por outro misto cultural no Vale do Jamari, a descoberta de um garimpo de cassiterita com grandes proporções, trouxe a Nova Ariquemes grande contingente e, novamente, a historiografia do Vale é marcada pela atividade extrativista mineral²⁰.

²⁰ Podemos dividir o ciclo extrativista da cassiterita no município de Ariquemes em dois momentos: o primeiro, marcado, em meados de 1950 a 1960 com a exploração manual; o segundo, iniciado quando a jazida de cassiterita foi encontrada na linha Linha C-75, Br- 421. Atualmente a região é distrito do município de Ariquemes.

Figura 13 - Extração manual da cassiterita



Fonte: Trabalhadores... (198-?)

A imagem representa os trabalhadores manuais do garimpo, popularmente conhecidos como requeiros. A postagem realizada na rede social virtual *Facebook*, procura resgatar manter vivas as experiências (SIMÕES, 2018), o cotidiano dos que presenciaram a ebulição social e cultural vivida pelos ariquemenses. As narrativas do *Facebook* permitem que os sujeitos, dentro de uma liberdade limitada, expressem-se e, tais depoimentos e escritas, podem servir como fio condutor para a historiografia.

Figura 14 - Reportagem sobre o garimpo Bom Futuro



Fonte: Fonte: Reportagem... (198-?)

A representação acima reflete a abrangência que a descoberta da cassiterita atingiu. Noticiada a nível nacional, a área do Garimpo Bom Futuro ficou conhecida como a maior reserva de cassiterita do mundo e nos anos 80 atingiu seu ápice de produção chegando a 8.000 toneladas de minério (CIM, 2003), fato que apresenta relevância, já que a extração de minérios empregava mais de 25% do total de pessoal ocupado no estado e contribuía com 60% da economia rondoniense (MIIS-RO, 2022). Novamente, Ariquemes fervilhou social e culturalmente, a todo instante chegavam pessoas de diversos lugares. Tempos marcados por conflitos e sonhos.

Enquanto existiu o Bom Futuro aquele formigueiro de gente, aquilo quebrou o tecido social de Ariquemes. Só para você fazer idéia, até o advento do garimpo ninguém trancava o portão de casa, você dormia de janela aberta. A partir do Bom Futuro tudo isso teve que parar. Eu pra visitar meu vizinho da mesma rua, tinha que ligar avisando, olha tô indo na tua casa, na hora que chegar dou uma buzinazinha e tu abre o portão. Era bandido de toda natureza (SILVA, 2013).

O excerto da narrativa de Osmar Ferreira da Silva²¹ rememora uma das muitas problemáticas que resultaram da explosão demográfica causada pelo Bom Futuro, nas terras do Vale Jamari. Atualmente, a lavra é concedida apenas à Empresa Brasileira de Estanho S/A — EBESA. São desse período, algumas das representações literárias de Lopez (2013), as quais encontram na trajetória da exploração do minério no Garimpo Bom Futuro, uma fonte fecunda. Dos tempos áureos, ficaram apenas histórias para contar, narrativas como o Mistério da Vila do cachorro Sentado (*cf.* Lopez, 2013) que floresciam o cotidiano dos moradores do garimpo.

[...] Os trabalhadores da rodovia não conseguiram mais dormir naquela noite e, quando o dia clareou, a poça de látex havia se transformado em uma poça d'água. Eles jogaram terra e mais terra sobre ela, mas não havia nada que fizesse secar. [...] A poça de seringa que virou água cresceu mais um bocado e ficou da largura da estrada [...] Chegavam a mudar o curso da estrada, mas a poça, misteriosamente, voltava a brotar (LOPEZ, 2013, p. 144).

²¹ Osmar Ferreira da Silva: Fundador e editor do jornal O Parceiro, primeiro jornal impresso de Ariquemes.

O excerto literário retrata a história de um atoleiro, surgido após o feitiço de um índio que teve seu filho atingido por um tiro acidental de espingarda quando a estrada do garimpo estava sendo aberta em meio a mata. Tal narrativa materializa o entrecruzar de memórias individuais e memórias coletivas e colabora para a tessitura e a identidade de uma comunidade. No caso do Vale do Jamari, as histórias de bravura do homem colonizador contra uma Amazônia hostil, ficam conservadas por meio das escritas literárias que junto com os fatos reais vão dando aos pioneiros contornos heroicos no processo de colonização.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Na tentativa de escrever as considerações finais, sem qualquer pretensão de esgotar o tema, entende-se que a Literatura e a História, cada uma com suas especificidades, podem estabelecer relações que permitem ampliar os olhares e compreender os fenômenos sociais sobre perspectivas outras.

Com a História busca-se compreender a trajetória da humanidade e seus reflexos nos tempos presentes; com a Literatura aguça-se o olhar para as sensibilidades humanas, o fato histórico é narrado, poetizado e transformado em uma imagem vívida.

Quando se trata do processo de colonização das terras da Amazônia Ocidental e especificamente do município ariquemense, localizado no Vale do Jamari; a Literatura e a História propiciam a construção de uma narrativa sob a ótica dos mais variados atores, seja pelas palavras do desbravador ao chegar à Vila dos Papagaios; seja pelos moradores vivenciando as agruras dos ciclos migratórios propagados por políticas públicas de ocupação territorial.

Desta forma, ao entrecruzar essas fontes através do trabalho historiográfico entrelaçam-se e descortinam o onírico; a busca pela riqueza; pelo

progresso; o sonho dourado e a realidade que se mostra nas doenças endêmicas e na falta políticas de suporte para as gentes que migravam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Revista Aedos**, [Porto Alegre], v. 3, n. 8, jan./jun. 2011.

ANDRADE, Nercina Lopes de. **Ariquemes de ontem, hoje e amanhã**. In: SANTOS, Sônia Maria Silva dos Santos (ed.). *Florilégios da literatura de Ariquemes*. Porto Velho: Gráfica Genese-Top, 1985. p. 89-91.

ARIQUEMES 40 anos. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal TV Follador Rondônia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AAIJ1Dgci-A>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch, 1895-1975. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BERTICELLE, Ireno Antônio. In: SANTOS, Sônia Maria Silva dos Santos (ed.). **Florilégios da literatura de Ariquemes**. Porto Velho: Gráfica Genese-Top, 1985. Prefácio. p. 9.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRASIL. Lei nº 6.448, de 11 de outubro de 1977. **Dispõe sobre a organização política e administrativa dos Municípios dos Territórios Federais, e dá outras providências**. Brasília, DF: Presidência da República, [1977]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6448.htm. Acesso em: 6 jan. 2023.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria de Desenvolvimento Territorial. **Perfil territorial: Vale do Jamarí – RO**. [S. l.]: CGMA, maio 2015.

BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992..

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CÂMARA MUNICIPAL DE ARIQUEMES. **INCRA**. [198-]. 1 fotografia. Disponível em:

<https://www.camaradeariquemes.ro.gov.br/ariquemes#sigProId9bdb1028b8>.
Acesso em: 6 out. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE ARIQUEMES. **Radio Cipó**. [197-]. 1 fotografia.
Disponível em:
<https://www.camaradeariquemes.ro.gov.br/ariquemes#sigProId9bdb1028b8>.
Acesso em: 6 out. 2022.

CÂMARA MUNICIPAL DE ARIQUEMES. **Setor 01 em 1978**. 1978. 1
fotografia. Disponível em:
<https://www.camaradeariquemes.ro.gov.br/ariquemes#sigProId9bdb1028b8>.
Acesso em: 6 out. 2022.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**,
Campinas, p. 81-89, 1999. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>.
Acesso em: 20 jan. 2023.

CARLOS, Jeferson. Treze anos depois e custo final superior a R\$ 13 milhões:
teatro de Ariquemes, RO, deve ser entregue em junho. **G1 Ariquemes e Vale do
Jamari**, 11 abr. 2019 Disponível em: [https://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-
do-jamari/noticia/2019/04/11/treze-anos-depois-e-custo-final-superior-a-r-13-
milhoes-teatro-de-ariquemes-ro-deve-ser-entregue-em-junho.ghtml](https://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/2019/04/11/treze-anos-depois-e-custo-final-superior-a-r-13-milhoes-teatro-de-ariquemes-ro-deve-ser-entregue-em-junho.ghtml). Acesso em:
13 mar. 2023.

CAVALCANTE, Washington Heleno. **O Posto indígena Rodolpho Miranda e
os índios Arikêmes**: processo de desagregação cultural sob a tutela do SPI.
Artigo apresentado no IV Congresso Internacional de História da UFG, Jataí-GO,
2014. Disponível em: [https://pt.slideshare.net/wheleno/posto-indigena-rodolpho-
miranda-indigenas-arikmes](https://pt.slideshare.net/wheleno/posto-indigena-rodolpho-miranda-indigenas-arikmes). Acesso em: 09 jan. 2023.

CAVALCANTE, Washington Heleno. **Os Arikêmes e o SPI**: o desafio da
reelaboração cultural indígena sob poder tutelar do Estado brasileiro. 2015. 129 f.
Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais) – Núcleo de Ciências
Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015. Porto Velho,
Rondônia, 2015. Disponível em: [https://docplayer.com.br/75123042-Washington-
heleno-cavalcante.html](https://docplayer.com.br/75123042-Washington-heleno-cavalcante.html). Acesso em 09 jan. 2023.

CERTEAU, Michel de. **Artes de fazer**: A invenção do cotidiano. 3. ed.
Petrópolis: Vozes, 1998.

CIM, Salvador. O processo migratório de ocupação no estado de Rondônia –
visão histórica. **Primeira Versão**, Porto Velho, ano II, n. 104, jun. 2003.

CORDEIRO, Manuela de Souza Siqueira. Marechais e Burareiros: Projetos de
colonização na Amazônia Ocidental. **Textos&Debates**, Boa Vista, n. 25, p. 63-

78, 2015. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/2776>. Acesso em: 16 jan. 2023.

CORDEIRO, Manuela de Souza Siqueira. Pioneiros, fundadores e aventureiros – a ocupação de terras em Rondônia. **Revista de Antropologia**, São Paulo (online), v. 61, n. 1, p. 125-146, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.145519>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/145519>. Acesso em: 14 jan. 2023.

COSTA, Mário Arruda da. URU-EU-WAU-WAU: Relato de uma expedição de (primeiros contatos). **Anuário de Divulgação Científica** – UCG/IPGA, [Goiânia], v. 10, 1981/1984.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. **Festas culturais:** Tradição, Comidas e Celebrações. Artigo apresentado no I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA, Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008. Disponível em: http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculcrais_mercia.pdf. Acesso em: 09 mar. 2023.

CRUZ, Montezuma. História de Rondônia: O governador Paulo Leal inspirou JK para abrir a rodovia BR-29, depois 364. Portal do Governo do Estado de Rondônia, 17 dez. 2018. Disponível: <https://rondonia.ro.gov.br/historia-de-rondonia-governador-paulo-leal-inspirou-jk-para-abrir-a-rodovia-br-29-depois-364/>. Acesso em: 13 jan. 2023.

CUNHA, Eliaquim Timotéo da; MOSER, Lilian Maria. Os projetos de colonização em rondônia. **Revista Labirinto**, [Porto Velho], ano X, n. 14, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/download/938/922>. Acesso em: 16 jan. 2023.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

INAUGURAÇÃO do Terminal Rodoviário de Ariquemes. [198-]. 1 fotografia. Disponível em: <https://ariquemesnostalgia.blogspot.com/search?q=inaugura%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 24 jan. 2023.

JORNAL DO BRASIL. [sem título]. 1979. 1 recorte de jornal. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/mae-de-menino-sequestrado-pelos-uru-eu-wau-wau-apela-governador-de-rondonia>. Acesso em: 18 jan. 2023.

KIM-IR-SEN. [sem título]. 1978. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.facebook.com/kimage.com.br/photos/a.285832244873941/1708469822610169/?type=3>. Acesso em: 12 jan. 2023.

LAJOLO, Marisa. Apresentação. In: **Poesia romântica brasileira**. São Paulo: Moderna/FNDE, 2003. p. 3-4. (Palavra da Gente, EJA, 4).

LOMBARDI, José Claudinei. **História e historiografia da educação no Brasil**. Conferência apresentada no III Colóquio do Museu Pedagógico, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA, em 17 de novembro de 2008. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4746/art4_14.pdf. Acesso em: 16 jan. 2023.

LOPEZ, Nuria Sagué. **Recuperando os discursos esquecidos: memórias de Ariquemes/RO**. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Línguas Vernáculas, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

MEIRA, Geraldo Lopes de. **O desconhecimento da história dos indígenas Arikêmes pela população do município de Ariquemes**. 2017. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim-RS, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2041/1/MEIRA.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2023.

MOURA, Confúcio. A cidade (Ariquemes). **Blog do Confúcio**, [s. l.], 26 jun. 2022. Disponível em: <https://blogdoconfucio.com.br/a-cidade-ariquemes/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MOURA, Confúcio. A cidade em movimento. **Blog do Confúcio**, [s. l.], 3 out. 2021. Disponível em: <https://blogdoconfucio.com.br/a-cidade-em-movimento/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 7-46, 1993.

OLIVEIRA, José Lopes de. **Rondônia: geopolítica e estrutura fundiária**. Porto Velho: Grafriel, 2010.

O PARCELEIRO. [sem título]. 1979. Recortes de jornal.

PINHEIRO, Erlito. Depoimento do pioneiro de Ariquemes – José Rodrigues fala sobre a história de Ariquemes e a derrubada do famoso “Pau do Fuxico”. **Folha Nobre**, 2 set. 2015. Disponível em: <https://folhanobre.com.br/2015/09/02/depoimento-do-pioneiro-de-ariquemes/1391/>. Acesso em: 08 jan. 2023.

[REPORTAGEM sobre o Garimpo Bom Futuro]. [198-?]. 1 fotografia.
Disponível em: <https://miis-ro.org/memoria-do-estanho>. Acesso em: 30 jan. 2023.

RONDON, Candido Mariano da Silva. **Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas de 1907 a 1915**. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1916a.

RONDON, Candido Mariano da Silva. **Conferencias realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 pelo Senhor Coronel Candido Mariano da Silva Rondon no Theatro Phenix do Rio de Janeiro sobre trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegraphica**. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comercio, 1916b.

RONDON, Candido Mariano da Silva. **Índios do Brasil: Do Centro, Noroeste e Sul do Mato Grosso**. Rio de Janeiro: CNPI/Ministério da Agricultura, 1946. (Publicação n. 97, vol. 1).

SALDANHA, Paulo. Vim cantar sobre esta terra e, antes de mais nada, aviso. **Academia de Letras de Rondônia**, 4 out. 2014. Disponível em: <https://www.acler.com.br/artigos/266/7#.Y0sr0ZNRlm4.whatsapp>. Acesso em: 07 jan. 2023.

SANTOS, Sônia Maria Silva dos Santos (ed.). **Florilégios da literatura de Ariquemes**. Porto Velho: Gráfica Genese-Top, 1985.

SIMÕES, Robson Fonseca. **Escritas à deriva: testemunhos efêmeros sobre os tempos da escola nas comunidades do Orkut**. 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012

SIMÕES, Robson Fonseca. **Memórias digitais: histórias escolares nas comunidades do Orkut**. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, Marcelo Pereira da. Hino do Município de Ariquemes. Wikisource, [s. l.], 28 ago. 2018. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Hino_do_munic%C3%ADpio_de_Ariquemes. Acesso em: 7 jan. 2023.

SILVA, Osmar Ferreira da. Osmar Ferreira da Silva: fundador e editor do jornal O Parceleiro. [Entrevista cedida a] Silvio Santos. **Gente de Opinião**, Porto Velho, 7 dez. 2013. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/silvio-santos/osmar-ferreira-da-silva-fundador-e-editor-do-jornal-o-parceleiro>. Acesso em: 7 jan. 2023.

SOUZA, Valdir Aparecido de. **Rondônia, uma memória em disputa**. 2011. 185 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

[TRABALHADORES Garimpo Bom Futuro]. [198-?]. 1 fotografia. Disponível em: https://www.facebook.com/garimpobomfuturo/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 29 jan. 2023.

VISTA parcial do Posto Indígena Rodolpho Miranda. 1922. 1 fotografia. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliansa/handle/20.500.12156.1/5548>. Acesso em: 6 jan. 2023.